

Huntley Fitzpatrick

PENSEI  
QUE  
FOSSSE  
VERDADE

A man and a woman are seen from behind, embracing on a wooden deck. The man is wearing a blue denim shirt and tan shorts, and the woman is wearing a black floral tank top and denim shorts. They are looking out over a vast landscape at sunset, with the sun low on the horizon, casting long shadows and a warm glow. The background shows rolling hills and a body of water.

UM PASSADO A SER ESQUECIDO.

UM PRESENTE NADA PROMISSOR.

UM FUTURO A SER CONQUISTADO.

PENSEI QUE FOSSE VERDADE

“Fitzpatrick retrata com profunda beleza a acidentada estrada que é a incursão de uma adolescente na vida sexual, sem deixar de lado questões como ser responsável pelos próprios atos, o poder que as palavras têm de ferir os outros...

Um romance todo construído com diálogos de uma naturalidade impressionante, personagens autênticos...

Bem mais denso que sua bela e alegre capa sugere.”

*Kirkus Reviews*

# PENSEI QUE

“Mais uma vez, Fitzpatrick evoca os altos e baixos das relações amorosas dos adolescentes e o frio na barriga das paixões, mas sempre com os pés no chão.”

*Publishers Weekly* (Resenha estrelada)

“Uma belíssima história sobre o primeiro amor... a personagem Gwen, além de ter conteúdo, possui o tipo de personalidade que tanto encanta os adolescentes. Aqueles que já sofreram e já passaram por situações como as dela encontrarão esperança neste romance sobre o amadurecimento, que tanto lembra os livros de Deb Caletti e Sara Zarr.”

*School Library Journal*

“Fitzpatrick possui uma habilidade única; atenta e sagaz, ela faz com que seus leitores anseiem, cada vez mais, por densidade e riqueza de significado...”

Assistir a Cass e Gwen se apaixonando aos pouquinhos é uma delícia.”

*Romantic Times*

“Esta história, às vezes sensual e excitante, mas sempre verossímil, narra o quanto é importante se tornar senhor de seu próprio destino e assumir responsabilidades sobre as decisões que moldarão a vida adulta. Um livro obrigatório para todos aqueles que têm em suas estantes os YAs de Sarah Dessen e Stephanie Perkins.”

*Booklist*

“São pessoas que falham feio, que insistem em desafiar idealizações e autoimagens, e que precisam, constantemente, estar se redescobrando. Gwen aprende, como em um superintensivo de verão, muito sobre sua cidade, sua família e seu futuro... Há um amanhã a ser confrontado, e, mesmo sabendo que existe um belo futuro pela frente, a vida dos personagens nunca está plena, embora eles pareçam trilhar o caminho certo.”

VOYA

Huntley Fitzpatrick

# FOSSE VERDADE

*Tradução*  
Heloísa Leal

  
valentina

Rio de Janeiro, 2016

1ª Edição



Copyright © 2014 by Huntley Fitzpatrick

TÍTULO ORIGINAL  
*What I Thought Was True*

CAPA  
Raul Fernandes

FOTO DE CAPA  
Annebaek | Getty Images

FOTO DA AUTORA  
Katrina Bernard Photography

DIAGRAMAÇÃO  
FA studio

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F583p

Fitzpatrick, Huntley

Pensei que fosse verdade / Huntley Fitzpatrick; tradução Heloísa Leal —  
1.ed — Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

336 p. ; 23 cm

Tradução de: What I thought was true  
ISBN 978-85-5889-006-9

1. Romance americano. 2. Ficção americana. I. Leal, Heloísa. II. Título.

16-32896

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 — Copacabana  
Rio de Janeiro — 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

*Para você, John, por mais de vinte anos do seu amor, confiança e amizade.  
Por todos os momentos em que perdi as esperanças em relação a Cass,  
Gwen e Nic, e você disse calmamente: “Eu gosto deles.”  
Por todas aquelas minhas horas distraídas em que você se ocupou de tudo:  
fez as compras no mercado, levou as crianças ao balé...  
essas coisas nunca aparecem nas histórias de amor. Mas deveriam.*

*Para vocês, K, A, R, J, D e C, os seis Fitzpatrick... que amam os livros,  
as praias e o verão. O que eu sei que é verdade?  
Que vocês são as melhores coisas que já aconteceram na minha vida.*



# Capítulo Um

*Nada como* um carro cheio de garotos para acabar com o meu bom humor.

Alguém solta um palavrão em voz baixa na Sorveteria Castle's, por isso fico sabendo que papai também os viu. Uma gangue de adolescentes está no topo da sua lista de Clientes Mais Odiados — comem demais, querem tudo na hora e nunca dão gorjeta. Ou, pelo menos, é o que ele diz.

No começo, nem presto atenção. Estou carregando uma bandeja com uma pilha bamba de porta-copos de cervejas artesanais, hambúrgueres embrulhados em papel laminado e uma montanha gordurosa de vieiras fritas para a mesa quatro, que fica bem na frente. Em algumas semanas, vou pegar o ritmo do trabalho. Equilibrar tudo isso e muito mais vai ser moleza. Mas as férias começaram há três dias, a Castle's voltou a funcionar em tempo integral na semana passada, o sol está deslumbrante, o ar do comecinho do verão está que é sal puro, e só faltam alguns minutos para o meu turno acabar. Minha cabeça já está na praia. Por isso, não olho para ver quem acabou de chegar no carro, até ouvir os assovios. E o meu nome.

Dou uma olhada para trás. Vejo um conversível estacionado na diagonal, ocupando duas vagas. Como não poderia deixar de ser, Spence Channing, que estava dirigindo, sacode o cabelo dos olhos e abre um sorriso para mim. Trevor Sharpe e Jimmy Pieretti descem, rindo. Tiro depressa o chapéu com a coroa dourada e o enfio no bolso do avental.

— Tem alguma coisa especial pra gente, Gwen? — pergunta Spence.

— Pega uma senha — respondo. Segue-se um coro previsível de *uhuuuus* de alguns garotos. Ponho a bandeja na mesa quatro, além de latas de refrigerante e guardanapos tirados dos bolsos da frente do avental, abro um sorriso rápido e ensaiado, e então paro diante da mesa onde meu irmão espera por mim, arrastando batatas fritas por uma poça de ketchup, com ar sonhador.



Mas, então, escuto alguém dizer: “Ei, Cass, olha só quem está aqui! Pronta para servir.” E o último garoto, que estava escondido atrás das costas largas de Jimmy, sai do carro.

Seus olhos se fixam nos meus.

Os segundos se desenrolam, finos, esticados, transparentes como linhas de pesca atiradas muito, muito, muito longe.

Eu me endireito, pegando a mão do meu irmão.

— Vamos para casa, Em.

Emory arranca a mão.

— Nada feito — diz com firmeza. — Nada feito. — Dá para ver os músculos de suas pernas se retesando na postura “sou uma rocha, sou uma ilha”. Suas mãos fazem gestos para me enxotar, dispensando minha urgência.

É minha deixa para respirar fundo e me afastar. Apressar Em, forçá-lo a fazer as coisas, tende a terminar em desastre. Pego seu prato de papel sujo de ketchup, desamarro o avental e pergunto a papai:

— A gente tem que ir para casa, será que você podia embalar isso aqui para viagem?

— Nada feito — repete Emory, arrancando a mão da minha. — Não, Gwennie.

— Estou até o pescoço de trabalho — diz papai pela janela de serviço, sua voz se elevando acima da chiadeira do grill. — Embrulha você, colega. — E atira alguns pedaços de papel laminado pela janela, acrescentando vários sachês do ketchup favorito de Emory.

— Ainda comendo. — Emory volta a sentar com determinação à mesa de madeira rústica.

— A gente vai ver um filme — digo a ele, embrulhando sua comida. — Sorvete.

Papai me lança um olhar severo pela janela de serviço. Pode até ser ríspido com Em de vez em quando, mas não gosta que eu seja.

— Sorvete *aqui*. — Meu irmão aponta para uma pintura enorme de um sorvete duplo de casquinha numa das torres cenográficas do restaurante. Pois é, a Castle’s foi construída para se parecer com um castelo.

Acabo puxando-o para a caminhonete de qualquer jeito, sem olhar para trás, nem mesmo quando escuto uma voz dizer: “Ei, Gwen, tem um segundo?”

Viro a chave no Ford Bronco detonado de mamãe, pisando fundo na embreagem. O motor solta um ronco ensurdecedor, mas não alto o bastante



para abafar a outra voz que diz, aos risos: “Ela tem um segundo, um terceiro, um quarto... Ela tem muitos, como todos nós sabemos!”

Graças a Deus papai se afastou da janela de serviço e está curvado sobre o grill. Talvez não tenha ouvido nada disso.

Piso na embreagem de novo e dou um solavanco, só para descobrir que os pneus estão girando, atolados na areia funda do estacionamento. Por fim, a caminhonete recua aos trancos e barrancos, dando marcha a ré. Cantando os pneus, pego o asfalto escaldante da Avenida Atlântica, aliviada por ver que está vazia.

Uns três quilômetros adiante, paro no meio-fio, dobro os braços em cima do volante e encosto a cabeça neles, respirando fundo várias vezes. Emory abaixa a cabeça para me espiar, os olhos castanhos me procurando, e então, resignado, abre o papel laminado e continua a comer as batatas fritas moles, encharcadas de ketchup.

Só falta um ano para me formar. Aí vou poder dar o fora daqui. Deixar esses garotos — e o ano que acabou — bem longe no espelho retrovisor.

Respiro fundo outra vez.

Agora estamos perto do mar, e a brisa se derrama sobre mim, suave e salgada, segura e familiar. É por isso que todo mundo vem para cá. Por causa do ar, das praias, da paz.

Sem saber como, consigo encaixar o carro em frente à grande placa pintada em verde e branco que indica a separação oficial entre a cidade e a ilha, onde a ponte de Stony Bay termina e a ilha de Seashell começa. A placa está ali desde que me entendo por gente, a tinta de suas letras arredondadas se descascou na maioria dos lugares, mas as promessas continuam gravadas a fundo.

*O Paraíso à beira-mar.*

*O segredo mais bem guardado da Nova Inglaterra.*

*Pequena joia escondida na costa rochosa de Connecticut.*

A ilha de Seashell, onde passei minha vida inteira, é chamada de todas essas coisas e muitas outras.

E eu só quero ir embora daqui.

## Capítulo Dois

— *Kryptita* é a única coisa — diz Emory para mim, muito sério, na tarde seguinte. Sacode a cabeça, tirando dos olhos os cabelos escuros, retos como uma cortina, iguais aos de papai. — A única, única coisa que pode derrubar ele.

— Kryptonita — corrijo-o. — Exatamente. Tirando isso, ele é invencível.

— Pouca kryptita aqui — ele me garante. — Então, tudo bem.

E recomeça a desenhar, pegando pesado no pilô vermelho. Está esparramado de braços no chão, livro de quadrinhos aberto ao lado do bloco. A luz do verão se derrama em diagonal pela janela da cozinha/sala de estar, iluminando o papel enquanto ele colore a capa do seu herói. Estou deitada no sofá, morta de preguiça depois de levar Emory a White Bay horas atrás, para a sessão com o fonoaudiólogo.

— Bom trabalho — digo, indicando o bloco. — Gostei das estrelas cadentes ao fundo.

Emory empina o queixo para mim, testa franzida, o que me leva a desconfiar que não são estrelas. Mas ele não me corrige, apenas continua desenhando.

Já se passou um dia inteiro desde que esbarrei nos garotos na Castle's, e ainda estou querendo uma reprise. Por que deixei que acabassem com o meu bom humor desse jeito? Devia ter rido e levantado o dedo médio para eles. Não teria sido lá muito fino, mas aqui na ilha não estou entre as patricinhas mesmo. Devia ter dito: "Bem, Spence, quem precisa de um segundo é você, porque o primeiro é minúsculo."

Mas não poderia dizer isso. Não com Cassidy Somers ali. Os outros garotos não importam muito. Mas Cass...

Kryptonita.



• • •

Mais ou menos uma hora depois, nossa porta de tela quebrada se abre de repente e mamãe entra, sua cabeleira escura e cacheada toda crespa do calor, do mesmo jeito que a minha fica. Atrás dela, em passos exaustos, arrasta-se Fabio, nosso híbrido de labrador, velho e meio cego. Na mesma hora ele despenca de lado, com a língua de fora. Mamãe se apressa a empurrar com o pé a tigela de água para perto dele, enquanto pega uma Coca Zero na geladeira.

— Pensou melhor no assunto, meu amor? — pergunta, depois de dar um longo gole. Ela deve ter refrigerante em vez de sangue correndo pelas veias.

Levanto de um salto, e o velho sofá xadrez laranja e vinho solta um gemido agonizante. Ela tem razão, eu devia estar tomando decisões sobre o que fazer neste verão, em vez de ficar obcecada com as que tomei ontem... ou em março.

— Cuidado! — avisa mamãe, agitando a mão livre para o sofá. — Respeite o Mirto.

Emory, agora colorindo os cabelos escuros do Super-Homem, mão pesada no pilô preto, solta um dos seus risos guturais ao ver minha careta.

— Mãe, nós compramos o Mirto no bazar caseiro do Bert e do Earl. Mirto só tem três pernas e nenhuma mola que funcione. Toda vez que eu me levanto dele, tenho a sensação de que preciso de um guindaste. Respeitar esse sofá? Fala sério.

— Tudo merece respeito — diz mamãe, em tom calmo, despencando em cima de Mirto com um suspiro. Um segundo depois, ela franze o nariz e enfia a mão debaixo da almofada, retirando um agasalho encardido, imundo, do meu primo Nic. Uma casca de banana. Um dos seus próprios romances ensebados. — Mirto viveu uma vida longa e difícil em um curto período de tempo. — Ela bate em mim com o agasalho, sorrindo. — E então? O que achou da oferta da Sra. Ellington?

Ser acompanhante da Sra. Ellington. O emprego de verão disponível de que mamãe tomou conhecimento hoje de manhã, e que me permitiria deixar de trabalhar na sorveteria de papai. O que, aliás, fiz religiosamente todos os anos, desde que tinha doze. Podia ser ilegal para os outros, mas era permitido para Nic e para mim, porque somos da família. É claro que, depois de cinco anos, eu adoraria fazer alguma coisa diferente de encher casquinhas



de sorvete, fritar mariscos e preparar queijos-quentes. Mais do que isso... se não vou trabalhar com papai à noite, posso dar uma mãozinha para Vivien, que trabalha em um bufê.

— É para o verão inteiro? — Desabo no sofá, me estendendo com todo o cuidado. Se a gente cai em cima do Mirto de mau jeito, ele aderna feito o *Titanic* antes de afundar.

Mamãe desamarra os cadarços dos tênis sujos que usa para trabalhar, chuta-os para longe e estica os dedos dos pés com um gemido. As unhas dos dedões exibem margaridinhas pintadas com todo o capricho, sem dúvida obra de Vivien, o Picasso das pedicures. Como se tivesse combinado, Emory sai da sala, à procura dos chinelos. Teria pegado a Coca de mamãe, se ela já não tivesse feito isso.

— Até agosto — confirma, depois de outro longo gole no refrigerante. — Ela caiu de uma escada na semana passada, torceu o tornozelo e teve uma concussão. Não é emprego de enfermeira — apressa-se a garantir. — Eles já têm uma moça que vai à noite para fazer isso. Henry... a família... só quer que alguém tome conta dela, que a faça se exercitar, se alimentar, que não a deixe fugir para a praia sozinha. Ela tem quase noventa anos. — Mamãe balança a cabeça, como se não pudesse acreditar.

Eu também não posso. A Sra. Ellington parecia atemporal para mim, como uma personagem de um daqueles velhos livros que vovô traz para casa dos bazares, com seu sotaque da Nova Inglaterra, sua coluna apumada e suas opiniões fortes. Ainda me lembro dela dando uma respostona para um turista que apontou para Em, perguntando: “O que é que há de errado com ele?” E ela: “Nem um décimo do que há de errado com *voce*.” Quando Nic e eu acompanhávamos mamãe durante as faxinas, nós dois ainda pequenos, a Sra. E. nos dava biscoitos com glacê e limonada caseira, e deixava a gente se balançar na rede da varanda, enquanto mamãe marchava pela casa com o aspirador de pó e o esfregão.

Mas... seria um emprego na ilha. Trabalhando para veranistas. E eu prometi a mim mesma que não faria isso.

Esfregando os olhos com o polegar e o indicador, mamãe termina de tomar sua Coca e atira a lata longe com um tinido. Mais fios de cabelo escapam do seu rabo de cavalo, grudando-se em caracóis às faces suadas e vermelhas.

— Qual seria o horário mesmo? — pergunto.

— Essa é a melhor parte! De nove às quatro. Você daria o café da manhã dela, faria o almoço... Ela tira uma soneca à tarde, por isso teria tempo livre.



O filho dela quer alguém que comece na segunda. É três vezes o que seu pai pode pagar. Por muito menos trabalho. Uma excelente oportunidade, Gwen.

Ela joga seu trunfo com cautela, escondendo o “você precisa fazer isso” com cuidado por baixo do “você quer fazer isso”. Tudo que Nic e eu conseguimos faturar durante o verão ajuda durante a baixa temporada de Seashell, os longos meses sem movimento em que a maioria das casas é fechada por toda a estação — quando mamãe tem menos clientes regulares, papai fecha a Castle’s e faz bicos até a primavera, e as contas de Emory não param de chegar.

— E a família dela? — pergunto.

Mamãe encolhe um dos ombros, com naturalidade.

— Segundo Henry, eles nem vão estar lá. Ele faz sei lá o que em Wall Street, é superocupado. Os garotos já estão crescidos. Henry diz que eles não querem passar o verão inteiro numa ilha sem movimento com a avó, como faziam quando eram menores.

Faço uma careta. Posso ter minhas próprias opiniões sobre como Seashell é pequena e quieta, mas eu vivo aqui. Tenho esse direito.

— Nem mesmo para ajudar a própria avó?

— Quem sabe o que se passa numa família, amor. “As histórias dos outros...”

*... são deles.*

Conheço isso de cor e salteado.

Emory volta aos pulos para a sala com os chinelos peludos de mamãe — um verde, todo encaroçado, e outro vermelho, os dois para o pé esquerdo. Estendendo as mãos para a perna de mamãe, ele tira o tênis que falta e esfrega o peito do seu pé.

— Obrigada, fofinho — diz mamãe, enquanto ele posiciona com cuidado um dos chinelos, repetindo o procedimento com o outro pé. — O que me diz, Gwen? — Mamãe se inclina em minha direção, seu joelho cutucando o meu.

— Eu teria as tardes e noites livres? Todas as noites? — pergunto, como se isso fosse um ponto fundamental. Como se eu tivesse uma vida social intensa e um namorado devotado.

— Todas as noites — garante mamãe, tendo a delicadeza de *não* perguntar “Que diferença faz, Gwen?”.

Todas as noites livres. Garantidas. Trabalhando para papai, geralmente acabo pegando os horários que ninguém quer — sextas e sábados, até a hora



de fechar. Com todo esse tempo livre, posso curtir um verão de verdade, fazer luau e mariscadas na praia. Sair com Vivie e Nic, nadar no riacho durante o pôr do sol, a hora mais linda de todas. Nada de escola, aulas particulares, acordar às quatro e meia da manhã para acompanhar o time de natação, nenhum desses garotos... Esbarrar com eles ontem na Castle's foi... argh. Na casa da Sra. Ellington, a mais afastada de Seashell, eu nunca teria que vê-los.

Já quase posso sentir o cheiro da minha liberdade — as brisas salgadas, o capim-da-praia verde e quente de sol, as brisas frescas soprando por cima das pedras molhadas, as ondas quebrando, a espuma branca na curva escura do mar.

— Eu topo.

É um emprego na ilha. Mas só por um verão. Para uma família. Não é como a história de mamãe, que começou a fazer faxinas com a minha avó aos quinze anos, para ganhar dinheiro para a faculdade, só para continuar dando duro (e sem ter feito faculdade) todos esses anos depois. Também não é como o que papai fez, assumindo o negócio da família aos dezoito anos porque o pai dele teve um ataque do coração quando lidava com o grill.

É um emprego temporário.

Não uma decisão para a vida inteira.

— Amor... seu pai já te pagou pelos dias que você trabalhou? Estamos um pouco atrasados. — Mamãe espanja migalhas do sofá sem olhar para mim. — Nada com que se preocupar, mas...

— Ele disse que me pagaria mais adiante na semana — respondo, distraída. Emory passou dos pés de mamãe para os meus, nem de longe tão doloridos quanto os dela, mas não vou recusar suas atenções.

Mamãe se levanta, abre a geladeira.

— Prefere um congelado diet ou um normal para o jantar? Você decide.

Bomba 1 ou Bomba 2? Eta escolha difícil. Ela crava o garfo na tampa plástica de uma lasanha, mas, antes que tenha tempo de colocá-la no forno, vovô Ben entra na cozinha, rebolando, com o contrabando de sempre pendurado no ombro, ao estilo de Papai Noel. Quer dizer, se o Bom Velhinho sáísse por aí distribuindo frutos do mar. Ele empurra uma das bandanas de Nic, duras de suor, para o canto da bancada, despejando as lagostas na pia com uma barulheira de conchas e patas.



— Uma, duas, três, quatro. Esta daqui deve pesar uns cinco quilos no mínimo. — Eufórico, ele passa as mãos pela cabeleira branca e revolta, um Albert Einstein português.

— Papá, não há a menor possibilidade de nós comermos isso. — Apesar dos protestos, mamãe começa imediatamente a encher uma de suas panelas enormes, de cozinhar lagostas, com água da torneira. — E eu torno a perguntar, quanto tempo vão demorar para te pegar? E quando você for preso, como vai ajudar a gente? — A licença de pesca de vovô expirou há anos, mas ele continua saindo com os barcos sempre que lhe dá na veneta. Sua coleção de armadilhas ilegais para lagostas se estende pelas águas do litoral da nossa ilha.

Vovô Ben olha com nojo para a bandeja de plástico que mamãe segura, balançando a cabeça.

— Teu avô Fernando não chegou aos cento e dois anos de idade por comer... — ele abre a caixa, vistoriando os ingredientes — ... benzoato de potássio.

— Não — admite mamãe, tornando a enfiar a bandeja no freezer. — Fernando chegou aos cento e dois anos porque bebia muito vinho verde e vivia chumbado.

Resmungando baixinho, vovô Ben vai para o quarto que divide com Nic e Em, voltando pouco depois com suas roupas de ficar em casa — nada de camisa, só uma camiseta sem mangas e um velho roupão xadrez, segurando o pijama do Super-Homem de Em.

— Veste isso aí, mais depressa do que uma bala — diz a Emory, que solta a sua risada rouca e sai correndo pela sala, braços abertos no estilo do Homem de Aço.

— Nada de voar até vestires o uniforme — diz vovô. Em para bruscamente diante dele, deixando com toda a paciência que vovô Ben tire sua camisa e short e, a duras penas, vista o seu pijama. Então, ele se aconchega comigo em cima de Mirto, enquanto vovô Ben põe um DVD de Fred Astaire.

Nossa sala é tão pequena que mal dá para acomodar a tevê de plasma enorme que vovô ganhou ano passado no torneio de bingo da igreja. O bingo que vovô joga é de cartas, não cartelas, e tenho quase certeza de que ele trapaceou. A tela de última geração sempre parece totalmente deslocada na parede entre o crucifixo de cedro e o retrato de casamento da minha avó. Ela exhibe uma seriedade atípica em preto e branco acima do solitário que



vovô nunca se esquece de encher todos os dias. É um retrato grande, desses em que os olhos das pessoas parecem seguir a gente.

Nunca tenho coragem de olhar os dela.

Uma música romântica, com uma orquestração sofisticada, enche a sala, acompanhando a voz de taquara rachada de Fred Astaire.

— Cadê a Ginger? — pergunta Emory, apontando para a tela. Vovô Ben pôs *Cinderela em Paris*, em que a parceira de Astaire é Audrey Hepburn, não Ginger Rogers.

— Ela vai aparecer daqui a um bocadinho — diz vovô, a resposta de sempre, esperando que Emory goste tanto da música e da dança que não se importe com quem está cantando e dançando.

Emory fica mordendo o lábio, até que seu pé começa a se mexer de um lado para o outro.

Meu irmão de oito anos não é autista. Ele não é nada que já tenham mapeado geneticamente. Ele é apenas Emory. Sem qualquer diagnóstico, gráfico ou mapa. Algumas coisas difíceis são fáceis para ele, e outras, que são básicas, exigem o seu esforço. Passo os braços pela sua cintura, suas costelas magras, encosto o queixo no seu ombro, sentindo os fios soltos do seu cabelo escuro me fazerem cócegas no rosto, aspirando seu cheiro quente de garotinho.

— É esse que tem a música engraçada, lembra? A música que diz *sua cara bem-humorada, sua cara engraçada*?

Finalmente Em se acomoda, abraçando seu bicho de pelúcia favorito, que se chama Escondidinho, o caranguejo-eremita. Vovô Ben o ganhou em uma quermesse quando Emory tinha dois anos, e tem sido o seu brinquedo predileto desde então.

Empurro Fabio com o cotovelo e vou para a escada na frente da casa, porque não aguento ver Audrey Hepburn com seu arzinho triste de menor abandonada. Com um metro e oitenta e dois de altura, ninguém, por mais míope que seja, jamais vai dizer que tenho ar de menor abandonada.

Franzindo os olhos para observar a ilha, que se estende por cima dos telhados das casas de dois pisos que ficam diante das nossas — o sítio baixo e cinza de Hoop, a casa branca de Pam, com suas telhas sujas, a casa verde-água de Viv, com as venezianas de madeira vermelha que não combinam —, eu chego bem a tempo de presenciar o brilho do sol poente no mar. Recostada sobre os cotovelos, fecho os olhos e respiro fundo o ar quente e salgado.



Que está fedendo.

Meus olhos se abrem de estalo. Um par de tênis do meu primo está a centímetros do meu nariz. Eca. *Eau* de Suor de Garoto de Dezoito Anos. Dou uma cotovelada neles, expulsando-os da varanda para a grama.

A porta de tela se escancara. Mamãe vem sentar ao meu lado com um pote de sorvete em uma das mãos e uma colher na outra.

— Quer um pouquinho? Eu pego uma colher para você.

— Não, não estou a fim. — Dou um sorriso para ela. Tenho certeza de que ela não caiu. — Esse é o seu aperitivo, mãe?

— Aperitivo, prato principal e sobremesa — responde ela. — Tão flexível.

E começa a catar com a colher a parte de manteiga de amendoim, mas então para e afasta meus cabelos da testa.

— Tem alguma coisa que a gente precise conversar? Você esteve tão quieta nesses últimos dois dias.

É irônico: justamente mamãe, que passa a maior parte do tempo livre lendo romances sobre gente que passa o tempo todo tirando a roupa, resolveu explicar os fatos da vida para mim e para Nic (que ficou entre boquiaberto e horrorizado) fazendo uma demonstração com uma Barbie e um Falcon. Quando eu estava com quinze anos, ela me levou ao ginecologista para começar a tomar pílula — “Vai ser bom para a sua pele”, insistiu, quando gaguejei que não era necessário, “e para o seu futuro”. Até temos liberdade para conversar sobre sexo — ela faz questão absoluta —, mas só em termos abstratos... Sinto vontade de encostar a cabeça no seu ombro macio e sar-dento e lhe contar tudo sobre os garotos no carro. Mas não quero que ela saiba que há pessoas que me veem desse jeito.

Que eu dei a elas uma razão para isso.

— Não estou a fim — repito. Ela tira mais sorvete do pote, com uma expressão pensativa. Um momento depois, Fabio empurra com o focinho a porta de tela, vai mancando até mamãe e pousa o queixo na sua coxa, revirando os olhos, com ar pidão.

— Não — digo a ela. Embora saiba que ela vai ceder. Dito e feito: mamãe tira um bocado de sorvete e bate com a colher no degrau. Fabio abandona o papel de moribundo e lambe o sorvete com avidez, para então retomar a postura esperançosa, babando na perna de mamãe.

Algum tempo depois, ela diz:

— De repente, você podia dar um pulo na casa dos Ellington — brande a colher em direção à Rua Baixa —, para fazer uma visitinha à Sra. E.



— Espera aí. Como é que é? Tipo uma entrevista de emprego? Agora?

— Olho para meu short de bainha esfiapada e minha camiseta, e de novo para mamãe. Então, corro para o quarto e volto com o velho tubo de rímel verde e rosa. Desatarraxo a tampa, passando o bastão depressa nos cílios.

— Não precisa — diz mamãe pela milionésima vez, mesmo assim me emprestando a colher para que eu possa checar manchas no reflexo. — Não, eu praticamente já disse a ela que você aceitaria o emprego. E é um bom emprego. Mas não sei quantas pessoas já estão sabendo dele. E paga muito bem. Dá só um pulinho lá, no térreo, e lembra à Sra. Ellington quem você é. Ela sempre gostou de você.

É por isso que, três minutos depois, estou calçando os chinelos, quando vovô Ben chega correndo à varanda, seus cachos brancos no maior alvoroço.

— Gwen! Leva isto aqui! Diz à Sra. E. que são do Bennie, para a rosa da ilha. Mando lagostas e amor.

Olho para o saco de papel úmido dentro da desbotada sacola de corda trançada de vovô, da qual se projetam duas antenas de lagosta, acenando, ameaçadoras.

— Vovô. É tipo assim, uma entrevista de emprego. Não posso aparecer lá com crustáceos. Principalmente vivos.

Vovô Ben solta um bufo, impaciente.

— Rose ama as lagostas. Sempre amou. Amor verdadeiro. — Ele abre um sorriso para mim.

— Verdadeiro ou não, essas aí estão a anos-luz de uma salada. — Uma das lagostas perdeu uma das pinças dianteiras, mas ainda brande a outra para mim, de um jeito apavorante.

— Cozinha os bichos, bota na geladeira, faz um molho especial para ela almoçar amanhã. — Vovô Ben empurra a sacola para mim. — Rose sempre adorou lagostas.

Ele envelheceu muito desde que vovó morreu, principalmente depois que veio morar com a gente, quando papai foi embora. Antes disso, parecia tão à prova do tempo quanto uma carranca de baleeiro, com suas feições toscas, fortes, morenas feito madeira de carvalho. Mas agora seu rosto está flácido, e eu não tenho coragem de dizer não para aqueles olhos castanhos tão animados. Por isso, enrolo a sacola no pulso e desço a escada.

São quase seis horas e o sol de verão ainda está alto no céu, o mar que se estende para além das casas exibe um azul-turquesa sem fundo, que brilha



prateado com as luzes refletidas. Só há uma leve brisa e, agora que meu nariz está longe dos tênis de Nic, sinto o cheiro de grama cortada e algas marinhas, misturado com o aroma doce do tomilho selvagem que cresce por toda a ilha.

E é praticamente só o que temos por aqui. Tomilho selvagem, uma comunidade sazonal de mansões de telhas, uma reserva florestal dedicada às batuínas-melodiosas, e nós — os que aparamos os gramados, consertamos, pintamos e limpamos as casas. Vivemos na Floresta do Leste, a parte “ruim” de Seashell. Ha, ha, ha. Não são muitos os que diriam que isso existe na ilha. Temos uma floresta nos fundos da casa e só vemos uma nesguinha do oceano; eles têm vista panorâmica — a areia descendo em declive até o mar — das janelas dos seus salões, e amplos gramados ondulados nos fundos. Oitenta casas, trinta delas abertas o ano inteiro, as outras, de maio até outubro. No inverno é como se nós, os moradores, fôssemos os donos da ilha, mas, quando chega a primavera, temos que devolvê-la.

Já percorri metade da Rua da Praia, já passei pela casa de Hooper e pela de Vivien, a caminho da Rua Baixa, onde mora a Sra. Ellington, quando escuto o zumbido baixo, trepidante de um cortador de grama duplo. Vai ficando mais alto à medida que avanço pela rua e me aproximo do mar. O ronco cresce até se tornar ensurdecedor quando dobro a Rua Baixa, onde ficam as casas de praia maiores. O barracão onde são guardados todos os instrumentos da manutenção de Seashell — a sede da manutenção — tem desses cortadores de grama velhos, enormes, com umas lâminas grandes o bastante para abrir clareiras de quase dois metros de largura no gramado de todo mundo. Quando passo pela casa dos Cole, o som gagueja e para.

E eu também.